

PENSANDO CASAIS DE INTELLECTUAIS A PARTIR DE ANDRÉ E DORINE GORZ E SIMONE DE BEAUVOIR E JEAN-PAUL SARTRE

FERNANDA AZEREDO DE MORAES*¹

E de toda maneira vivemos, temos a impressão de nos haveremos interessado por nosso mundo, de haver tentado vê-lo (BEAUVOIR, 1990, p. 604)²

O texto aqui apresentado é parte da pesquisa que realizo para minha dissertação de mestrado atualmente intitulada “Nós seremos o que fizermos juntos”: *um estudo antropológico sobre casais de intelectuais*. Assim buscarei explorar aqui a narrativa sobre conjugalidade e produção intelectual produzida por dois casais europeus emblemáticos que me inspiraram a desenvolver este projeto e que pela leitura de suas obras me trazem elementos para refletir sobre casais de intelectuais acadêmicos de ciências humanas no Brasil contemporâneo. Analisando “Carta a D.” de André Gorz (2008) e “A cerimônia do adeus” e “Balanço final” de Simone de Beauvoir (1990a, 1990b) explorarei questões relacionadas a projeto, memória, corpo e envelhecimento e divisão conjugal de trabalho intelectual e autoria de modo a levantar elementos que ajudem a pensar sobre as vicissitudes das experiências de casais de intelectuais para além da literatura.

Não é difícil lembrarmos de casais que, no século XX, uniram a sua relação emocional/amorosa um projeto de vida intelectual. Simone de Beauvoir (1990a, 1990b) e Jean-Paul Sartre (1964) são o primeiro exemplo que vêm a mente (principalmente daquelas que, como eu, foram marcadas pelo feminismo), mas existem muitos outros, como André (2008) e Dorine Gorz (personagens do livro que inspirou esse projeto de

* Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista Instituto Brasil Plural - CAPES.

¹ Orientada pela professora Dra. Miriam Pillar Grossi, responsável pela revisão deste texto;

² Jean Paul Sartre em entrevista concedida à Simone de Beauvoir em Setembro de 1974, Roma

pesquisa) e exemplos brasileiros, como Jorge Amado e Zélia Gattai, no campo da literatura, e Fernando Henrique e Ruth Cardoso, nas ciências sociais. Suas relações conjugais duradouras e o companheirismo que ultrapassa as fronteiras tradicionais do quarto e do lar costumam causar interesse e admiração, principalmente em meios intelectualizados. Interesse esse não apenas no relacionamento romântico em si, mas principalmente na maneira através do qual esses sujeitos são capazes de articular uma relação conjugal com uma parceria intelectual no sentido de criar uma “marca no mundo” (BEAUVOIR, 1990b), uma parceria que ultrapassa as fronteiras do privado para construir para si, e deixar para outros, um lugar no mundo público³.

Procurando um tema para minha pesquisa de mestrado trombei inadvertidamente com o último livro do sociólogo austríaco (naturalizado francês) André Gorz, intitulado “Carta a D.: História de um amor” (GORZ, 2008) que me abriu uma nova gama de inquietações teóricas.

Importante teórico pós-marxista (ou marxista existencialista, mais especificamente), André Gorz foi figura de destaque na construção de uma “nova esquerda” na segunda metade do século XX, participou ativamente das manifestações do Maio de 68 e foi editor de importantes revistas como *Les Temps Modernes* e *Le Nouvel Observateur*. Em sua prolifera produção intelectual tratou de assuntos como trabalho e sindicalismo, se voltando posteriormente à crítica “à irracionalidade da racionalidade capitalista em suas diferentes dimensões, da destruição do ambiente natural e à mercantilização das relações sociais” (SILVA, p. 75, 2008), influenciado pelas ideias de Ivan Illich e Herbert Marcuse se tornou um dos fundadores da nova ecologia política.

Em 24 de setembro de 2007 seu corpo foi encontrado por uma amiga ao lado do de sua mulher, Dorine Gorz. Ele tinha 84 anos e ela, 82. Juntos a 58 anos eles haviam se suicidado dois dias antes, também juntos, através do uso de injeções letais. Portadora de uma doença degenerativa (aracnoidite) consequência de uma injeção de contraste para

³ Essa ideia de construção de um “lugar” ou “marca no mundo” está muito presente nos discursos de [amb@s](#) autor@s (GORZ, 2008 e BEAUVOIR, 1990a, 1990b). Como Gorz coloca em sua carta a Dorine, sua esposa; “Nós eramos, eu e você, filhos da precariedade e do conflito. Fomos feitos para nos proteger mutuamente contra ambos, e precisávamos criar juntos, um pelo outro, o lugar no mundo que originalmente nos tinha sido negado” (GORZ, 2008, p. 15).

radiografia que nunca se dissolveu, Dorine sofria dores atrozes e tinha seus movimentos comprometidos já a muitos anos.

Neste seu último livro, *Carta a D.*, Gorz foge do padrão de todos seus escritos anteriores, como aponta Josué Pereira da Silva (2008), para, longe da teoria, escrever uma “autobiografia do amor” no qual ao contar a história que viveu junto com sua esposa relembra seu envolvimento político e intelectual remontando de forma particular parte da história do pensamento e da ação social francesa na última metade do século XX.

Mas mais do que isso, o livro destoa do resto de sua obra pela maneira com que Gorz trata seu amor e sua relação com Dorine. Como ele mesmo coloca logo no início do seu relato: “Por que você está tão pouco presente no que eu escrevi, se a nossa união é o que existe de mais importante na minha vida?” (GORZ, 2008, p. 05). Ao longo do texto ele conclui que “seu amor por Dorine não amava a si mesmo” (idem, p. 54), que ao se dedicar a ideais revolucionários marxistas retratou o amor – e o seu amor – como uma fraqueza.

A carta certamente não é um bilhete de suicídio⁴ ou, como sugere o subtítulo da edição brasileira, uma simples história de um amor. Ela é um desnudamento de um eu, de um nós, feito a crua luz da memória. Lembrar é sempre escolher, recontar, reformular o passado de modo a torná-lo coerente com algum objetivo presente (VELHO, 1999; BOURDIEU, 1996); Gorz faz aqui a retratação de um retrato. O marxista existencialista dos 30 anos percebia e escrevia o amor, e a amada, como fraquezas; o esposo ecologista dos 80 anos vê essa relação como a mais importante de sua vida, a que o fez o que é, e as lembranças narradas no livro são narradas deste ponto de vista.

Dorine é no livro o próprio *atopos* sugerido por Barthes (1981): uma mulher inclassificável, a própria singularidade e originalidade aos olhos do apaixonado Gorz. Se redimindo da maneira que a pintou em obras anteriores – como uma mocinha frágil e perdida, que não sobreviveria sem ele, como ele mesmo coloca – ele a retrata agora como independente, inteligente e livre, que o supera em todas as suas capacidades e que

⁴ Uma vez que foi escrita mais de um ano antes do suicídio (entre 21 de março e 06 de junho de 2006)

teve um papel essencial no pensamento que ele criou. Nesse sentido, os contornos da autoria, do *eu* e do *você*, são embaçados na narrativa, uma vez que esta oscila entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. As lembranças, os trabalhos, os engajamentos políticos e as amizades, todas são do *nós*. É o *eu* que pede desculpas pela postura intransigente do passado, que ama e que sofre com a perspectiva de perda da mulher amada.

Outro livro que lida com a eminência da morte do parceiro é “A cerimônia de adeus”, no qual Simone de Beauvoir (1990) descreve detalhadamente os dez últimos anos de vida de seu companheiro Jean-Paul Sartre (começa o livro em 1970, quando o filósofo tinha 65 anos, e acaba com sua morte em 1980, aos 75 anos). Com os primeiros anos marcados principalmente pela intensa ação política e intelectual no cenário mundial e nas lutas políticas dos mais diferentes tipos – que fizeram deles um dos principais exemplos de intelectuais orgânicos à la Gramsci (1989)⁵ – a narrativa do livro oscila ao ritmo da saúde de Sartre entre a história política/intelectual recente e a falência física fruto do envelhecimento e do longo abuso de tabaco, álcool e anfetaminas.

Com um tom – e um desfecho – menos dramático que o livro de Gorz, Beauvoir dedica esse relato a todos os admiradores de Sartre, mas seu prefácio – e em muitos momentos, a sua própria narrativa – é escrito de forma a dirigir-se diretamente a ele “Eis aqui o meu primeiro livro – o único certamente – que você não leu antes que o imprimissem. Embora todo dedicado a você, ele já não lhe concerne” (BEAUVOIR, 1990, P. 11). Em conformidade com a posição existencialista que fundaram e pela qual viveram por toda vida ela conclui: “Sua morte nos separa. Minha morte não nos reunirá. Assim é: já é belo que nossas vidas tenham podido harmonizar-se por tanto tempo.” (BEAUVOIR, 1990, P. 172)⁶

A primeira vista parece difícil ligar a relação tão transgressora de Sartre e Beauvoir com os ideais de amor romântico; viveram toda a vida em casas separadas,

⁵ Aquele intelectual que ao não se alienar da sociedade em teorias e abstrações supostamente neutras, se envolve politicamente e intelectualmente das tensões sociais cotidianas. Para mais ver: GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

⁶ Muito diferentemente de Gorz que conclui com as não menos emocionantes frases: “Nós desejaríamos não sobreviver um à morte do outro. Dissemo-nos sempre, por impossível que seja, que, se tivéssemos uma segunda vida, iríamos querer passá-la juntos.” (GORZ, 2008, p. 71).

foram sempre independentes e tiveram diversos outros relacionamentos, rejeitando a norma monogâmica. Contudo, a existência da idealização do parceiro enquanto pessoa única e especial e o comprometimento a manter a relação por toda a vida apontam para como ideais românticos (GIDDENS, 1993) persistem mesmo em relações inovadoras em pleno século XX, marcadas já por outras formas de afetividade, como o amor confluyente-líquido de Bauman (2004) . Beauvoir afirma em seu outro livro, *Balanço final*, que conhecer Sartre foi o “acontecimento capital de sua existência” (BEAUVOIR, 1990b, p. 27), comentários que reforçam a ideia de que as afetividades contemporâneas são constituídas individualmente por elementos tanto românticos, quanto confluentes, quanto de outras origens possíveis .

Em ambos os casos – André e Dorine Gorz e Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre – quatro pontos me parecem muito claros: a indissociabilidade da vida e da obra, o papel da memória na construção desses discursos, a importância que o corpo adquire nas narrativas através do processo de envelhecimento/adoecimento e as diferentes formas de divisão conjugal de trabalho e autoria. Me debruçarei sobre esses tópicos a seguir.

A vida como obra e a obra como vida

Tanto em *Carta a D.* quanto em *A cerimônia do Adeus* a história da relação é inevitavelmente marcada pelos trabalhos, publicações, pesquisas, protestos e projetos, que são por sua vez indissociáveis publicamente a figura do casal. *A obra intelectual e a vida como obra* se tornam uma só coisa inseparável; os ecologistas André e Dorine plantaram 200 árvores no entorno de sua casa no interior da França, todas as revistas no qual ele trabalhou, ela trabalhou também (GORZ, 2008). Simone e Jean-Paul, feministas e existencialistas, viveram por mais de 50 anos uma relação não monogâmica e nada tradicional, morando em casas separadas e sem nunca se casarem, mas também, sem nunca se separarem (BEAUVOIR, 1990a).

Como coloca Dorine, citada por André Gorz:

“Se você se une a alguém para a vida inteira, os dois estão pondo em comum sua vida e deixarão de fazer o que divide ou contraria a união. A construção do

casal é um projeto comum aos dois, e vocês nunca terminarão de confirmá-lo, de adaptá-lo e de reorientá-lo em função das situações que forem mudando. *Nós seremos o que fizermos juntos*” (GORZ, 2008, p. 18) [grifos meus]

“Nós seremos o que fizermos juntos”, a relação é um projeto em eterna construção e que mistura em seus elementos a relação pessoal com o mundo social através da perspectiva intelectual e política que atua sob ambos. O relacionamento – principalmente no caso de Sartre e Beauvoir – não é menos um projeto político do que qualquer outra ação pública. E o projeto político não deixa de compor o *projeto reflexivo do eu*⁷ (GIDDENS, 1993).

A reflexão teórica sobre a categoria *projeto* está igualmente presente em outros autores que estudam o individualismo na contemporaneidade, como na obra do antropólogo Gilberto Velho (1999) sobre camadas médias urbanas no Brasil contemporâneo; de acordo com ele, em sociedades marcadas por ideologias individualistas – ideologias que fixam o indivíduo socialmente significativo como valor básico da cultura – o desenvolvimento de um projeto individual funcionaria, juntamente com a memória, como uma estratégia para atribuir significação à experiências individuais que sem isso seriam contraditórias e fragmentárias. O projeto é uma maneira de se colocar no mundo, de negociar com outros atores seus interesses e objetivos ao passo em que se comunica uma identidade; ele é dinâmico e permanentemente reelaborado (VELHO, 1999, p. 104), reorganiza e resignifica os fragmentos da memória do indivíduo de modo a repercutir em sua identidade. Projeto e memória andam aqui de mãos dadas.

À Luz da memória

Memória e Biografia são conceitos metodológicos e teóricos essenciais quando nos propomos a refletir sobre história de vida e narrativas reflexivas do eu (GIDDENS, 1993) como as levantadas aqui. Sobre isso Gilberto Velho (1999) defende que em

⁷ O projeto reflexivo do eu partiria da ideia de que nas sociedades contemporâneas a tradição e os modos preestabelecidos de conduta teriam subsumido à um mundo de múltiplas opções frente ao qual os atores teria que viver cotidianamente fazendo escolhas e reconstruindo constantemente suas narrativas de si. Para mais sobre isso ver: Giddens, Anthony. (2003). *Modernidade e identidade* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

contextos individualistas – como o da sociedade contemporânea – nos quais o indivíduo biológico não é apenas englobado pela coletividade mas fixado nesta como valor básico a memória da coletividade “encompassadora” deixa de ser a única socialmente relevante, cedendo espaço para a biografia e a memória individual. A noção de biografia, ou seja, a articulação de fragmentos da memória a partir de um determinado projeto de forma a construir uma identidade, se torna fundamental nesse contexto . Como observamos nos livros de Beauvoir e Gorz, “a trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido, mas constituidor da sociedade.” (VELHO, 1999, p. 100), é um processo no qual, através da memória individual se remontam eventos históricos coletivos sempre em seu caráter mais pessoal, uma narrativa que, como coloca Benjamin (1994) não tem por intenção relatar factualmente algo, mas mergulha a “coisa narrada” na vida do narrador, imprimindo no discurso a sua marca, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994, p. 6).

Sobre o tema da biografia Pierre Bourdieu (1986) afirma que falar de história de vida é pressupor que uma vida é necessariamente uma história, ou seja, que uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência/trajetória individual. A vida - no senso comum - é entendida como um caminho, uma viagem, um deslocamento linear unidirecional que tem começo, etapas e fim - o fim da vida e o fim da história.

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma *ordem* cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de *razão* de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. (BOURDIEU, p. 184)

Seguindo esses autor@s⁸ observamos que no esforço autobiográfico tanto de Gorz quanto de Beauvoir o sujeito se torna um “ideólogo de sua própria vida”; amb@s autor@s articulam elementos em uma fala não cronológica e linear, escolhendo aquelas memórias que preferem lembrar em detrimento daqueles que são melhores esquecidas, de forma a seguir uma lógica de inteligibilidade criando uma coerência com seus

⁸ Explico que utilizarei o @ para me referir no plural à Simone de Beauvoir e André Gorz, procurando evitar uma reprodução sutil de hierarquias de gênero imbricada no uso do plural sempre no masculino.

respectivos objetivos presentes no momento da escrita - sejam eles a retratação de Gorz a Dorine ou a homenagem de Beauvoir a Sartre. Como mencionado acima, a narrativa de Gorz (2008), e também as de Beauvoir (1990a, 1990b) são feitas ao tom a luz de suas memórias, iluminando sempre de maneira focada e idealizada, o passado vivido pelo casal, de modo a construir uma história (ou estória) coerente e, de certa forma, harmonica. A reflexão autobiográfica é um exercício de criação artificial de um sentido para a vida vivida. A “ilusão biográfica”, como coloca Bourdieu (1986) é necessária para a construção de coerência eu, mesmo que esta seja apenas ilusória.

Corpo e envelhecimento

Como Merleau-Ponty (1975), Csordas (1999, 2008), Butler (1993) e Bourdieu (1979) apontam de diferentes formas, o corpo é o meio através do qual experimentamos a vida social, é a base para toda experiência e percepção, é a condição para estarmos vivos. Foucault (2003) e Elias (1994) demonstram igualmente que o corpo e as técnicas de domínio e controle desse possuem um papel imperativo na constituição dos indivíduos e da sociedade moderna e contemporânea. Não podemos pensar sujeitos – e nesse caso em particular, intelectuais que experimentam o envelhecimento - sem problematizar a corporalidade destes e como esses corpos se relacionam.

A radicalidade da experiência da doença e do envelhecer, o quanto processos de falência e convalescência físicos se sobrepõe às dinâmicas e narrativas cotidianas dos indivíduos, se torna claro na leitura tanto do relato de Gorz (2008) quanto no de Beauvoir (1990b). O corpo de um dos parceiros se transforma em um objeto de cuidado, e com ele, o indivíduo também. Sobre isso é importante atentarmos para alguns pontos.

O primeiro é a relação de parceiro/cuidador que se estabelece quando um dos dois adoce, e as implicações que isso acarreta para o cotidiano do casal. Gorz se aposentou para viver e cuidar de sua esposa convalescente, Beauvoir articulava uma ampla rede de amigas de Sartre monitorando os cuidados que elas tinham com ele.

Outro elemento interessante é esse “encolhimento do futuro” do parceiro, que aponta tanto para um encolhimento do futuro da relação quanto para a própria mortalidade do indivíduo, obrigando os narradores a se confrontarem com os parceiros e com a história da relação que viveram. Encolhimento do futuro é uma categoria do

antropólogo Michel Leris tomada de empréstimo por Simone de Beauvoir em suas narrativas, e se refere a diminuição do tempo que se vislumbra a frente dada pelo envelhecimento. É palpável também, mais especialmente no caso Gorz (2008), a emergência da noção de um “corpo comum” quando deparado com a morte eminente da parceira, um corpo relacional partilhado pelo casal. Na narrativa ele demonstra como eles, André-Dorine, fizeram tudo juntos, trabalharam, viajaram, pensaram e, por fim, morreram juntos.

A manipulação do corpo pela medicina é também um elemento dramático. Dorine adoeceu por um erro médico e muito por conta disso se voltou contra tratamentos tradicionais para sua condição, buscando soluções na medicina alternativa e oriental. Sartre também, em seu processo de perda da visão, dependia constantemente de visitas, monitoramentos, diagnósticos e principalmente de discursos médicos. Era a fala do médico que lhe trazia segurança em sua situação de convalescência, de modo que na Cerimônia de Adeus, Simone de Beauvoir (1990a) relata diversas vezes os pedidos dele a mais visitas e mais atenção por parte dos médicos. Fica claro aqui como no envelhecimento o corpo que já é objeto de esquadrinhamento e controle por parte da medicina ao longo de toda a vida (FOUCAULT, 1993), vê esse processo intensificado.

Contudo, esse não é um processo linear e irrevogável; como demonstram os dois casos o envelhecer/adoecer se dá em ondas, existem momentos de agravamento mas há também retrocesso e, mais do que isso, há um aprendizado a como conviver com este novo corpo. Existe agência frente à medicina e a ideia de doença, como o caso de Dorine tão bem ilustra. Como coloca Sartre já aos 70 anos “Agora tudo o que posso fazer é adaptar-me ao que sou” (BEAUVOIR, 1990, p. 118).

Divisão conjugal do trabalho e da autoria

Observando os casos Gorz e Beauvoir-Sartre podemos perceber dois modelos distintos de comunicação entre a vida e a produção intelectual/política. Enquanto Sartre e Beauvoir cooperavam ativamente um no trabalho do outro, além de produzirem intelectualmente também separadamente e de estarem em uma situação igualitária publicamente, Dorine e André Gorz demonstram ter vivido um processo diferente no qual a produção e trabalho intelectual de Dorine tomavam um lugar invisibilizado,

apesar de ela ser responsável pela maior parte das pesquisas de André, além de ter feito importantes contatos e de ter trabalhado com ele em vários periódicos. No caso de Beauvoir e Sartre eles construíam pensamentos em parceria ao passo que cada um escrevia sua obra, já com André e Dorine Gorz, ambos escreviam a obra *dele*.

Ao contrário das narrativas de Beauvoir (1990a,1990b), que são permeadas pelas atividades político-intelectuais do casal, de cada um de seus elementos e de toda a rede que os cercava, a narrativa de Gorz (2008) dá a entender que para Dorine ficava a “parte pesada” do trabalho intelectual – a pesquisa, a catalogação, as traduções, os contatos - sem nunca receber reconhecimento pelo pensamento criado. Reduzida a uma função de assistente é forte a impressão que temos na leitura de que ela “se entretinha intelectualmente” (participando das pesquisas do marido, lendo e fazendo cursos), enquanto ele “trabalhava intelectualmente”

Como Mariza Corrêa (2003) demonstra na introdução de seu livro “Antropólogas e antropologia” analisando casos de esposas de antropólogos em campo (Como Dina Lévi-Strauss, esposa de Claude Lévi-Strauss) a invisibilidade do trabalho intelectual feminino nas obras de seus maridos se dá por um mecanismo de renome, não só de adotarem um nome “renomado”, mas de serem renomeadas e, sob este novo nome, estarem sempre na posição de *esposas de*, e raramente como *autoras de*. O renome, de acordo com Mariza Corrêa, possui a capacidade de iluminar o passado anônimo do renomado – por exemplo, como a vinda de Lévi-Strauss para o Brasil enquanto um desconhecido se tornou evento memorável com o seu sucesso – e ao mesmo tempo de fazer sombra sobre a identidade de sua companheira; perdendo seus nomes de solteiras e assumindo o nome dos maridos essas mulheres assumem uma identidade de “esposas assistentes”.

Não é pouco simbólico o fato de Dorine Gorz ter assumido o sobrenome do marido, sobrenome este que o próprio inventou para si – já que seu nome de nascença austríaco era Gerhard Horst. Mais simbólico ainda é o fato de que em todas as minhas pesquisas não fui capaz de encontrar referências ao nome de solteira de Dorine.

Por fim...

“Carta a D.” (GORZ, 2008) e “A cerimônia do adeus” (BEAUVOIR, 1990a) são claramente discursos sobre amar – e tudo o que isso significa -, sobre a idealização e a perda do ser amado. Todavia, como antropóloga percebo essas narrativas também como expressivos retratos das formas pelas quais se desenharam relações afetivas heterossexuais em camadas médias e intelectualizadas no século XX. Esse retrato se forma não apenas pelas palavras das narrativas, mas principalmente pelo que sabemos de quem eram esses autores no momento da escrita. Entrevemos que @s sujeitos que aqui lembram e constroem seus discursos estão afetados por condições especialmente fortes – a eminência da morte d@ companheir@ - e se encontram em um momento de suas vidas em que se propõe a reavaliar as escolhas e caminhos passados, colocá-las no papel e publica-las. Esses são elementos importantes que marcam os textos como mãos no barro (BENJAMIN, 1994), marcam com tons de idealização romântica do parceiro e da vida vivida, obliterando as tensões e frustrações do passado e do presente.

Essa idealização também, é inegável, está nos olhos de quem lê, uma vez que esses casos representam fortemente os ideais que camadas médias intelectualizadas encarnam sobre a experiência afetiva conjugal, como a longevidade da relação, a dedicação ao parceiro e a construção de um projeto de vida comum (VELHO, 1999). Pensar sobre esses casos é, acredito, pensar sobre o que preferimos lembrar e o que escolhemos esquecer no que tange as dinâmicas de conjugalidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BEAUVOIR, Simone . *A Cerimônia do Adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990a.

_____. *Balanço Final*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990b.

_____. *A velhice: realidade incomoda*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, Janaina. *Usos & abusos da História Oral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: On the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.
- CORRÊA, Mariza (2003). *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.
- CSORDAS, Thomas. The body's career in anthropology. In: Moore, Henrietta *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- _____. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Volume 1, a história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- GIDDENS, Anthony (2003). *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP.
- GORZ, André (2008). *Carta a D. História de um amor*. São Paulo: Annablume, Cosac Naify.
- GRAMSCI, Antonio (1989). *Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira.
- KOFES, Suely Maria. *Uma trajetória em narrativas*, Campinas, editora Mercado das Letras, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Merleau-Ponty*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1975.
- PRECIADO, Beatriz. *Texto-yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.
- PSICTELLI, Adriana. *Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico*. *Cadernos Pagu*, IFCH/ UNICAMP, n. 1, 1993, p. 149-171.
- VELHO, Gilberto (1999). *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.